



DESTAQUE Erguido na Avenida Tancredo Neves, no coração financeiro de Salvador, o edifício da Casa do Comércio, sede da Fecomércio-BA, não é apenas um prédio corporativo: é um divisor de águas na arquitetura baiana

Casa do Comércio: arquitetura, poder, relevância

Erguido na Avenida Tancredo Neves, no coração financeiro de Salvador, o edifício da Casa do Comércio, sede da Fecomércio-BA, não é apenas um prédio corporativo: é um divisor de águas na arquitetura baiana. Concebido a partir da visão ousada do empresário Deraldo Motta, o projeto rompeu padrões, antecipou tendências e colocou a cidade no radar internacional da arquitetura contemporânea.

UM PROJETO À FRENTE DO SEU TEMPO
Idealizada no início dos anos 1980, a Casa do Comércio nasceu com uma ambição clara: traduzir modernidade em forma construída. Em uma Salva-

dor ainda marcada por uma arquitetura mais tradicional, o edifício introduziu uma linguagem inovadora, combinando aço, vidro, alumínio e concreto — algo inédito no estado naquele período. Com 11 andares e uma estrutura arrojada sustentada por torres de concreto, o prédio foi projetado pelos arquitetos Fernando Frank, Otto Gomes e Jader Tavares, que apostaram em uma estética industrial e tecnológica, de forte impacto visual.

Mais do que forma, havia conceito: o edifício deveria simbolizar um novo tempo econômico para Salvador, deslocando o eixo empresarial da cidade e ajudando a consolidar a região do Iguatemi/Tancredo Neves como centro financeiro.

A VISÃO FUTURISTA DE DERALDO MOTTA
A força do projeto está diretamente ligada à mentalidade de Deraldo Motta, considerado um líder visionário. Durante mais de três décadas à frente da Fecomércio, ele não apenas pensou um edifício, mas um complexo multifuncional que integrasse educação, cultura, lazer e desenvolvimento econômico. A Casa do Comércio foi concebida como uma espécie de “universidade do trabalho”, reunindo teatro, biblioteca, restaurante-escola, espaços de formação e serviços empresariais. Essa concepção ampliada — rara para a

época — transformou o prédio em um organismo vivo da cidade, e não apenas em uma sede administrativa. **RECONHECIMENTO INTERNACIONAL E PREMIAÇÕES**
Mesmo antes de sua conclusão, a obra já chamava atenção de especialistas e publicações estrangeiras. A Casa do Comércio foi premiada nacionalmente e citada em revistas internacionais de arquitetura, consolidando-se como referência de inovação estrutural e estética. Além disso, recebeu prêmios ligados à construção metálica no Brasil e reconhecimento por sua solução técnica avançada, reforçando o caráter pioneiro

do empreendimento. Décadas depois, o edifício continua acumulando distinções — como certificações ambientais internacionais —, demonstrando sua capacidade de se atualizar sem perder a essência. **UM ÍCONE PERMANENTE DA PAISAGEM SOTEROPOLITANA**
Inaugurada em 1988, a Casa do Comércio permanece como um dos edifícios mais emblemáticos de Salvador. Sua estética, frequentemente classificada como pós-moderna com traços high-tech e desconstrutivistas, ainda hoje desafia classificações rígidas. Mais do que isso, o prédio ajudou a redefinir o imaginário urbano da cidade.

Tornou-se símbolo de ousadia, modernidade e transformação econômica — um verdadeiro “cartão de visita” institucional da Bahia contemporânea. **LEGADO**
A Casa do Comércio não é apenas um marco físico, mas um marco de pensamento. Representa o momento em que Salvador decidiu olhar para o futuro — e teve, na figura de Deraldo Motta, alguém disposto a construir esse futuro em concreto, aço e visão. Hoje, décadas após sua inauguração, o edifício segue atual, funcional e simbólico. Um lembrete de que grandes cidades também se constroem com coragem arquitetônica — e com líderes capazes de enxergar além do seu tempo.

Ladeiras moldam o cotidiano dos baianos e a identidade de Salvador

Salvador é uma cidade que não se explica sem suas ladeiras. Mais do que acidentes geográficos, elas são linhas estruturantes de um modo de viver, de circular e de construir que atravessa séculos. Do encontro entre a topografia acidentada e a necessidade de deslocamento nasceu uma solução urbana singular — uma arquitetura que sobe, desce e se adapta, moldando o cotidiano e a identidade da capital baiana.

AS LADEIRAS COMO SOLUÇÃO URBANA
Fundada em 1549, Salvador nasceu dividida entre a Cidade Alta — centro administrativo, político e religioso — e a Cidade Baixa, voltada ao comércio e ao porto. Essa cisão natural exigiu soluções de conexão. Antes mesmo dos planos urbanísticos formais, foram as ladeiras que cumpriram esse papel: costurar níveis distintos de uma cidade vertical. Ladeiras como a Ladeira da Montanha e as que cortam o Pelourinho funcionaram como verdadeiras artérias urbanas. Por elas circularam pessoas, mercadorias, ideias e culturas. Durante o período colonial, escravizados carregavam produtos e

materiais morro acima, tornando essas vias fundamentais para a economia local. **ARQUITETURA MOLDADA PELA INCLINAÇÃO**
A presença constante das ladeiras determinou um tipo muito específico de arquitetura. Em Salvador, construir nunca foi apenas erguer paredes — foi negociar com o terreno. Casas são erguidas em diferentes níveis, com entradas em andares distintos dependendo da rua. Escadarias substituem calçadas planas; fachadas se ajustam ao declive; e o alinhamento urbano, muitas vezes irregular, revela a adaptação orgânica ao relevo. Esse diálogo entre construção e topografia confere à cidade um caráter único, onde a paisagem construída parece emergir naturalmente do solo. A irregularidade, longe de ser um problema, tornou-se marca estética e funcional. As ladeiras moldam não apenas a arquitetura, mas o próprio ritmo da cidade. O deslocamento em Salvador é uma experiência física: subir e descer faz parte do cotidiano de seus habitantes. Esse fator influencia desde o traçado das ruas até a convivência entre

pedestres e veículos. Ao longo do tempo, surgiram soluções complementares, como o Elevador Lacerda e os planos inclinados, que mecanizam parte dessa circulação vertical. Ainda assim, as ladeiras permanecem insubstituíveis — espaços de passagem, mas também de permanência, encontro e expressão cultural. **PATRIMÔNIO HISTÓRICO E IDENTIDADE**
As ladeiras de Salvador não são apenas infraestrutura: são memória viva. Elas testemunharam o período colonial, a escravidão, a formação cultural afro-brasileira e as transformações urbanas ao longo dos séculos. Cada pedra, cada curva, carrega histórias. Hoje, preservá-las é preservar a própria identidade da cidade. Em tempos de urbanização acelerada, elas lembram que Salvador não foi planejada para ser reta — foi construída para dialogar com seus desníveis, transformando obstáculos em caminhos. Mais do que vias de acesso, as ladeiras são a essência do desenho urbano de Salvador: caminhos que ligam não apenas espaços, mas tempos, culturas e modos de vida.

